

BENGUELA

Uma tremenda contradição

«O Senhor preparará um banquete para todos os povos.» São as palavras que inspiram a mensagem do Papa na Quaresma deste ano. Estamos no coração dela. Como hei-de vivê-la? Primeiro em mim. Depois, na minha família de dentro que são todos aqueles com quem vivo. Mais além, como hei-de anunciá-la ao povo que olha para nós e se agarra às nossas mãos?

Angola é um país rico. Potencialmente, muito rico. Quase podemos dizer que tem de tudo. O povo ouve falar desta riqueza, mas não entende. Como não olhar para o carinho providente do Pai celeste ao contemplar o manancial de abundância, em grande parte escondido no seio desta mãe terra? Mãe tão boa, tão acolhedora! E que dizer da sua gente? Dos filhos desta terra? Filhos que sofrem, que rezam e cantam. São estes que me levam a agra-

decer ao Senhor da Criação, juntamente com eles, as maravilhas operadas para benefício de todos.

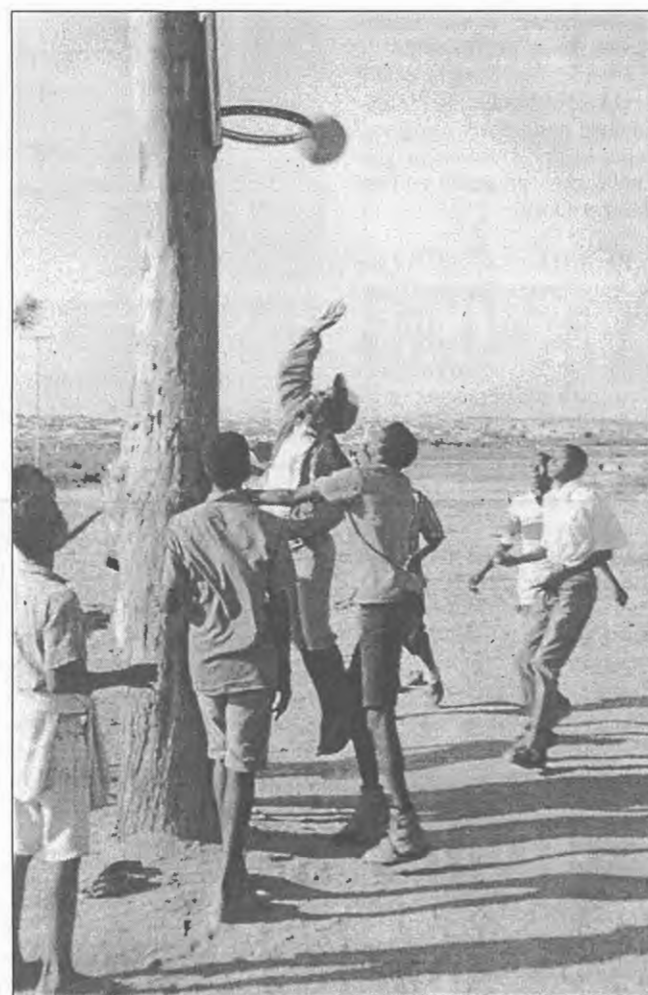
Angola está em guerra. Há os que morrem às mãos dos que fazem a guerra. Outros correm dum lado para o outro à procura de lugar mais seguro. A mãe terra quer preparar o banquete para os seus filhos. Tem muito para lhes dar. Chega para todos e para repartir por muitos outros. Mas não a deixam em paz. Morrem de fome, de doença e de nudez. Uma tremenda contradição.

Como hei-de anunciar a Quaresma? O banquete é um sinal de alegria pela comunhão entre todos os que nele tomam parte. Sabemo-lo pela experiência. Na medida em que fizemos comunhão com o povo, ajudá-lo-emos a levantar os olhos para além do tempo presente mantendo a esperança no cumprimento da promessa: «O Senhor preparará o banquete para

todos os povos». Está aqui o núcleo da nossa acção quaresmal. Estar com o povo anónimo. Fazer comunhão com ele. Ajudá-lo a entender o «Felizes os que foram convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro». Os coxos, os mutilados, os filhos da rua, as mães que

não têm leite nem panos para cobrir os bebés, nem sabão, nem açúcar, nem coisa alguma; só a Fé os faz suportar a sua situação de miséria, desânimo e doença, porque têm a certeza de um dia serem chamados para o

Continua na página 3



Todos são convidados a participar na construção do seu próprio bem-estar

CADA dia que passa me apercebo de que não será necessário percorrer muito mundo para encontrar os problemas dos homens. Aqui, mesmo dentro da nossa Casa, encontro, talvez na sua forma mais simples e sem grandes elaborações filosóficas, os problemas básicos, sinal de que somos gente normal igual a todos os outros.

Desde sempre, nas minhas andanças, fui encontrando a incredulidade na sua forma: Se Deus existe e nos ama, como é possível a doença, a fome, a guerra, as vítimas inocentes? Desde sempre também o silêncio é a principal argumentação, porque há coisas que não somos capazes de exprimir.

Com efeito, a fé é uma experiência única de alguém que se sentiu amado por Deus no mais íntimo do seu ser. É como que um segredo indizível que as palavras não são capazes de exprimir porque joga com todo o nosso ser nas suas vertentes intelectuais e emotivas. Diante da experiência de ser amado por Deus estremeçemos de emoção e a nossa inteligência como que é tocada

ENCONTROS em Lisboa

pela plenitude da sua procura. Depois vêm as consequências: aquele que é amado não deixa de amar também. É o testemunho do amor face à miséria humana, sabendo que todas as tragédias só encontrarão a sua verdadeira reparação face ao amor gratuito e sem limites daqueles que no nosso mundo se dizem amados pelo Amor.

Um destes dias o Paulo disparou à queima-roupa: — *Eu não gosto de ninguém.* Fiquei paralisado e apurei o ouvido para perceber se tinha compreendido bem. Era mesmo isso que ele dizia. O Paulo tem nove anos, está bem desenvolvido, com o seu ar afirmativo de alguém que pensa o que diz e está disposto a prová-lo.

Esperei dois ou três dias para ter nova conversa com ele. Quando lhe fiz a pergunta «porque não gostas de ninguém?», a resposta saiu rápida: — *Também ninguém gosta de mim.* Foi o momento para eu ficar em silêncio e deixar passar na minha memória a história deste miúdo. O que diz tem muito de verdade. Nunca foi amado de uma forma única. Andou de mão em mão. Talvez lhe tivessem dito «eu gosto de ti», mas logo de seguida o Paulo ia para outras mãos porque estas o deixavam cair. Ele está ainda na fase da reciprocidade em que espera um amor primeiro: «se me amas, eu também te amo».

Continua na página 3

Nota da quinzena

FOMOS visitados recentemente por duas simpaticíssimas Senhoras que, em nome da Comissão Nacional de Protecção das Crianças e Jovens em Risco, traziam um exaustivo(!) questionário, visando a «caracterização das crianças e jovens em Lares».

Simpaticíssimas, disse e reafirmo o superlativo, porque despidas da auto-suficiência vulgar nos Técnicos das Ciências Sociais e da sobrançeria frequente nos Funcionários do Estado ao abordarem os soldados rasos que dão a vida no campo de batalha contra as muitas desviâncias e desvios de que enferma a nossa Sociedade. Sem as defesas constitucionais de um requintado civismo, a democracia torna-se um riquíssimo caldo de cultura para a proliferação de pequenos ditadores em tudo o que detenham uma centelha de poder. E perigosos eles são porque, por vezes, fazem cerco e isolam o seus chefes máximos e impedem o diálogo que, num passado recente dito de «obscurantismo», foi fácil sempre que necessário! Posturas que não abonam a democracia.

Ora estas Senhoras, pela sua simplicidade e delicadeza, conquistaram o acolhimento que lhes prestámos ao longo de três dias de trabalho intenso com acompanhamento quase permanente que elas mereceram, mas não os Serviços de que dependem, os quais nem sequer no-las anunciaram num marcar de audiência que casualmente foi, mas poderia não ter sido possível naquela data. Lá, nos Serviços, funcionou a ditadura que mete portas adentro de quem não depende deles nem lhes deve nada, as suas enviadas. Estas, por virtude sua, lograram diluir o non-sense de quem as enviou — e tornaram-se não bem-vindas.

Bem-vindas... — mas para quê?

Nem elas souberam esclarecer-nos exactamente o objectivo deste questionário. Será para obter, a partir de dados recolhidos — mais fácil, talvez, que recolhê-los nos meios de risco onde abundam crianças e jovens — extrapolando-os, um panorama global da situação?... Será para complementar dados recolhidos directamente dos referidos meios?... Será em vista de medidas em função destas crianças e jovens residentes em Instituições (agora oficialmente designadas por Lares, que é um nome bonito — e quem dera todas o fossem em completa verdade!)? Mas, neste caso, estas crianças e jovens já estão percorrendo um caminho de remédio! Seria «chover em cima do molhado!»

De toda a maneira esta inquirição destina-se primária e directamente a um fim de conhecimento. Trata-se de uma operação de estatística. Proporcionará trabalho aos estudiosos destas coisas. E depois, que acção se seguirá? Acção voltada, antes de mais, para a prevenção das causas (tantas e em tantas áreas) que põem em risco crianças e jovens; e, ao mesmo tempo, quanto se possa, ir colmatando brechas já detectadas no tecido social.

Se é para a acção, uma acção que, envolvendo vastas áreas da vida do Povo, irá mobilizar e comprometer vários sectores da coisa pública em planos cada vez menos sectoriais, cada vez mais harmoni-

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS DE 1998 — A hierarquia da Sociedade de S. Vicente de Paulo chama todos os anos as Conferências a contas, o que obviamente cumprimos na hora própria, como dever elementar. Nesta matéria tomamos aqui por luzeiro esta afirmação de Pai Américo: «Aborrece-me o dinheiro. Se, às vezes, me vejo na necessidade de contar e conferir, é certo não chegar ao fim».

O ano que findou, dedicado especialmente ao Espírito Santo, não desmereceu na partilha cristã de bens: por intermédio d'O GAIATO recebemos mais de cinco mil contos para as necessidades dos Pobres, tendo os vicentinos entregue cerca de mil e seiscentos contos em auxílios domiciliários e mil e quatrocentos contos em ajudas a autoconstrutores e reparação de casas de granito com a chancela do *Património dos Pobres*. O auxílio na doença ficou próximo dos quatrocentos contos, pois na velhice crescem as

mazelas. Por outras Conferências Vicentinas e órgãos da Sociedade de S. Vicente de Paulo foram repartidos mais de novecentos contos.

Como não temos outra receita, expressamos um bem haja aos nossos Leitores.

PARTILHA — Na festa da conversão de S. Paulo, três mil, da «*avó dos cinco netinhos*» cuja «*vida não (lhe) permite; são os setenta e quatro anos...*». Deseja «*a todas as maiores felicidades e bênçãos do Senhor*». Retribuímos com o mesmo carinho e fé no Único que ilumina as nossas trevas.

Assinante de Rossas, preocupada com a guerra em Angola, aconchegou um fardo de roupa «*para os Pobres da Conferência*» e, assim, assemos algumas famílias.

O assinante 42971, de Ovar, com mais três mil escudos «*para os Pobres mais necessitados e, em geral, mais envergonhados; ou como melhor entenderem, por diversas intenções que Deus sabe*».

Mais trinta mil, «*oferta referente aos meses de Janeiro e Fevereiro*», da assinante 57002, Senhora da Hora, pois o Inverno tem sido frio e com muitas gripes. Que o diga a nossa botica e quem anda pelos hospitais. Há gente que sofre

com os membros doridos do Corpo do Senhor.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.*

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

CARAS NOVAS — Recebemos mais duas. O Filipe, de quatro anos; e seu irmão, Carlos Alberto, de dez anos.

CARNAVAL — Como habitual nesta época, os nossos rapazes divertem-se mascarando-se ou pregando partidas uns aos outros.

PÁSCOA — Aí está a Quaresma, tempo de preparação para a Páscoa.

Em nossa Casa vamos aproveitar e abrir o nosso coração a Deus para que possamos entender melhor o mistério da Morte e Ressurreição de Jesus.

CAMPO — Plantámos, no campo em frente à capela, uma nova qualidade de árvores de fruto, o diospireiro.

A seu tempo, esperamos deliciar-nos com sobremesas e merendas de dióspiros.

Arnaldo Santos

SETÚBAL

DAR SANGUE — Fomos dar sangue ao Hospital porque há um amigo da Casa que vai ser operado.

Fomos vários rapazes para darmos muito sangue porque, assim, há que chegue para ele e para outras pessoas que, entretanto, precisem. No fim, comemos um bom pão com bife e bebemos um sumo ou copo de café com leite, à escolha.

Amândio

NOVOS GAIATOS — Ultimamente recebemos mais algumas caras novas. O Tiago Filipe, o Bruno Pinto, o Ibrafme, o Roberto, o Nuno Filipe, o Amílcar, o Danilo, o Cláudio e o Rodrigo. Estes dois são, agora, os mais pequeninos da Casa. Só têm quatro anos e já gostam de andar metidos com os da Escola.

Todos têm jeito para dançar: são bons para as nossas Festas.

Gostamos deles porque são muito brincalhões. São bons amigos que ganhámos para toda a vida.

Filipe André

ENTRUDO — No Carnaval costumamos mascarar-nos com roupas de mulher e de velho, e fazemos brincadeiras uns com

Correspondência de família

«*Louvo a Deus por este momento de alegria pela grande 'metamorfose' da minha vida. Acompanhado da Maria Cândida, sinto-me feliz por este amor humano e pela graça de Deus. Caminho com dignidade e consciência, na construção duma nova família e dum novo lar. Que Deus nos ajude a manter esta alegria, este amor que agora começa a desabrochar nas nossas vidas.*»

Joaquim Marinho



os outros. Também batemos os arredores e pregamos partidas às pessoas que vemos e elas respondem-nos.

A malta diverte-se muito mas, às vezes, alguns abusam e isso está mal...

Carlos Firmino

MATANÇA — Mandámos um boi para o matadouro para ser morto e limpo. Ele era preto, muito grande e pesado: era um *boizão!*

Tinha tanta força que dava cabo dos ferros da manjedoura e saltava tudo. Não deixava ninguém chegar ao pé dele e, por isso, era muito difícil de prender, mesmo com garganel.

Mas era manso — tinha era muita força. Foi preciso pedir uma camioneta emprestada para o levarmos.

O boi é para voltar para Casa, cortado em quatro partes, que é para guardarmos na arca.

Tá-se mesmo a ver que vamos comer bons bifes, muito tenrinhos, no Carnaval.

José António Vinagre

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É com prazer que damos notícias da nossa actividade. E é gratificante sentir a força e o ânimo que os Leitores nos vão dando com suas mensagens. Gostaríamos de fazer mais, mas o nosso tempo é limitado. Mesmo assim lá vamos conseguindo levar um pouco de conforto e carinho, espiritual e material, aos Pobres.

A jovem mãe solteira está a trabalhar e é a mãe dela que

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Fevereiro, 65.700 exemplares.

toma conta do bebé, que está muito bonito! O rapaz não gosta de trabalhar e voltou a viver com a avó. A nossa ajuda continua a ser para o bebé. Eles são ainda muito novos e têm de aprender as responsabilidades de serem pais. Demos alguns conselhos e esperamos que os aproveitem.

Outra jovem mãe tem uma menina de dois anos e passou um mau bocado perante o Tribunal de Menores; mas ficou com a custódia da menina. O pai da criança, até hoje, não participou com nada para o seu sustento. Se não fosse o avó, não sabemos o que seria.

Neste momento esperamos que ela arranje trabalho para aliviar um pouco as despesas.

Uma outra Pobre continua à espera da visita da assistente social para resolver o problema da habitação. A senhora é analfabeta e tem pouco rasgo para resolver assuntos. Às vezes, a linguagem dos serviços é muito burocrática e os Pobres, sentindo a falta de vontade dos funcionários, desligam-se e continuam na miséria.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 23312, 20.000\$00; idem de Amigo de Santarém; Jacques e Eulália.

Metade de M.M.; Mário Silva; anónimo; assinante 57166; e de Fiães.

Quatro vezes menos de Emília Pereira; assinante 53484, em vale; Maria do Carmo; Brás Martins; assinante 51464 e anónimo.

J.R.D. e Maria Dolores, 2.000\$00. Assinante 14945, o dobro.

A.M.Q., 2.500\$00. Assinante 17991, dez vezes mais. Assinante 5438, 3.000\$00.

Para continuarmos o nosso trabalho precisamos da ajuda de todos. Por isso agradecemos as vossas palavras amigas e de força. Bem hajam.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

PAÇO DE SOUSA

CARNAVAL — Já passou. Na nossa Aldeia foi festejado com uma passagem de máscaras e disfarces e muita água. Houve quem chegasse a ir a um dos tanques da nossa Aldeia.

Agora, Carnaval só para o ano, e esperamos melhorá-lo.

VACAS — A nossa vacaria já tem novos moradores. São quatro vaquinhas e cinco vitelos lindos que dão algum sentido aos nossos campos. E há muito tempo que não bebíamos do leite das nossas vacas!

Esperamos ter mais sorte com estas e que mais nada aconteça ao nosso gado.

Rui Manuel

BENGUELA

ALGODÃO — Semeámo-lo este ano pela primeira vez. Foram cinco hectares de sementeira. Não sabíamos como era. Andámos na colheita quatro vezes. Agora está na sua fase final. Mas continua todo verdinho, com muito esforço. Colhemos muitos sacos. Dizem que a Casa do Gaiato foi a que produziu melhor. É uma ajuda para a nossa vida.

Disseram-nos que o algodão foi para Luanda para ser preparado para os hospitais de Angola. Estamos contentes.

A primeira fase da colheita foi um bocado difícil porque não estávamos habituados. Não tínhamos prática. Mas é bonito colher o algodão das cápsulas.

A segunda fase foi mais fácil porque já estávamos dentro do assunto e conseguimos colher cerca de 900 sacos.

Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

CONVOCATÓRIA — Como deves ter percebido, a nossa Associação, por motivos diversos, adormeceu. Daf que, em encontros ocasionais, ressaltasse a ideia, melhor, a necessidade de a despertar.

Foi, pois, com este propósito que alguns dos antigos gaiatos se reuniram na Casa do Gaiato do Tojal, no encontro anual — dia 8 de Dezembro — e resolveram reactivar, despertando, a nossa Associação. Para o efeito chamaram os «velhões» adormecidos e numa perfeita harmonia elaboraram um «projecto de estatutos» que, como é óbvio, precisam da tua aprovação.

Assim, estás convocado para a Assembleia Geral a realizar na Casa do Gaiato do Tojal, no próximo dia 11 de Abril (domingo) pelas 10.00 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Informações Gerais;
2. Aprovação dos Estatutos;
3. Eleição dos Órgãos Sociais.

PROGRAMA

- 10.00 h. — Início dos trabalhos de acordo com a convocatória.
12.00 h. — Celebração Eucarística.
13.00 h. — Almoço.
16.00 h. — Merenda.

Aqui é que contamos contigo: tráz um bolo, presunto, etc. — tudo o que vier tem quem o coma.

ATENÇÃO — Convém que confirmes a tua presença, não esquecendo a tua família e de indicar o número de pessoas. Isto de ser gaiato — «desorganização organizada» — também tem as suas regras: precisamos de saber, atempadamente, com quantas bocas vamos contar.

A tua confirmação deve ser feita até 5 de Abril para o Manuel Côco: pelo telefone 9749019, das 8.30 às 12.00 horas e das 13.00 às 17.30 horas; ou pelo telefone 9749255, das 18.30 às 20.00 horas.

Até lá, um abraço.

Eurico do Carmo Moreira

TRIBUNA DE COIMBRA

Estamos a caminho da Páscoa!

É mais sedutor assim dizê-lo e até a Quaresma suscita outro apetite.

Ouvimos tantas mensagens oportunas que ajeitam os passos ao caminho! *Renovar e partilhar*, são verbos longamente conjugados e de forma acentuada em todas as liturgias cristãs, como em tempo algum. É o verdadeiro entendimento da Páscoa cristã.

Partilhar a vida; repartir o coração — muito mais do que os haveres de cada um. Tornar-se Cireneu do Cristo caído ou Verónica que Lhe limpa o rosto ensanguentado. O desafio mais mobilizador e atraente. Toda a reflexão quaresmal deveria ter este entendimento mobilizador. Jesus Cristo incarna hoje, de novo, em todas as formas de sofrimento e dor que afligem a humanidade.

O calvário continuado nas guerras do continente africano. A dilaceração de famílias e bens pelo terrível dragão da droga. As vítimas da sida, sobretudo, as crianças. As inúmeras famílias «abarracadas» nas periferias das grandes metrópoles. O calvário de tantos doentes sem assistência condigna e de tantos idosos votados ao esquecimento e à solidão. As crianças abandonadas e exploradas. Os pequenos delinquentes, os meninos de rua. E, nunca mais estancaríamos a dolorosa via sacra tão actualizada.

Mas estamos a caminho da Páscoa! É o pensamento mais luminoso da Quaresma. O sentido da vida e do amor com que Jesus nos ensina a vencer o mal e o sofrimento. As atitudes do Cireneu e da Verónica são exemplares e

doutrina segura para nós e para os programas de vivência quaresmal. É urgente mostrar o rosto do Pai a tantos órfãos da sociedade em que vivemos. Serão pequenos gestos, pequenos grupos; um pouco de tempo ou a vida toda. Ninguém pode escusar-se. A seara é imensa e a Páscoa, anúncio urgente.

Padre João



Benguela

Continuação da página 1

banquete eterno do Céu. Não estou a falar de coisas no ar. É a realidade da Quaresma, aqui. Por isso, a mensagem da Quaresma é duma actualidade flagrante.

Todos são convidados a participar na construção do seu próprio bem-estar. «A experiência do amor do Pai impele o cristão a fazer-se dom vivo, numa lógica de serviço

e partilha, que o torna disponível a acolher os irmãos». Ele há muitos espaços onde a Caridade pode e deve estar presente na acção dos cristãos. Graças a esta obra do cristão é possível dar resposta a muitas formas de pobreza que estão na base dum verdadeiro ciclo vicioso. Estou a lembrar-me do analfabetismo radicado na maioria dos pais desta terra. Lançámos a campanha de alfabetização entre todos os que trabalham connosco. Está parada, por algum tempo. É preciso gente que se faça «dom vivo». É um breve tempo de espera, pois trata-se duma forma de pobreza na base de outras pobreza. Outro espaço onde a Caridade está presente é o da educação das mães no campo da higiene e dos primeiros cuidados a ter com os filhos. O grupo de *Leigos para o Desenvolvimento*, com as quatro jovens que dele fazem parte, assumiu esta tarefa cheia de interesse e de beleza. É uma forma de ajudar os pobres a trabalhar para o seu próprio bem-estar. Estas jovens fizeram a experiência do amor do Pai em suas vidas e, por isso, sentem-se impelidas a dar o que de graça receberam. Bem hajam, em nome das mulheres mães.

O ano escolar terminou. Os resultados, em parte, não foram bons. Os mais adiantados falharam muito. Vamos retomar o caminho. Temos recebido muita simpatia da escola com seus responsáveis, a todos os níveis.

O material escolar vai caminhando para o fim. Voltaremos a lembrar.

António Severo

Padre Manuel António



Lá estávamos os mais pequenos a trabalhar alegremente. O sr. Padre Manuel António veio tirar umas fotografias para o nosso Jornal e para nossa recordação. Os leitores vão ver-nos (em breve) a colher algodão. Muitos não saberão como é. É bonito. Temos também girassol. Mas é pouco. Até breve.

DOCTRINA

Quão audaciosos não são os apaixonados daquela mesma cruz que temem!



Vinte e oito dias nas mãos do arquitecto o plano geral da Aldeia dos Rapazes e tive medo! Não de cair, que quem anda baixinho não se desequilibra, mas sim da cruz. E quando aqui por algum tempo tu vires com os teus olhos a majestade da obra em maqueta que vai ser exposta, hás-de admirar quão audaciosos não são os apaixonados daquela mesma cruz que temem!

ESTA paixão nasceu-me dentro da alma, no tempo em que me ocupava a ver presos na cadeia; e aprendi de cor que aquele homem repele, dado como incorrigível pelos oficiais da justiça e entregue aos ferros por tempo sem fim — esse homem foi uma adorável criança nascida num berço triste. Aborrecida da mãe que viu nele uma desgraça; aborrecida do Mundo que o toma por ser perigoso — como e a quem podia aquela criança amar?! E aqui mesmo nesta ausência de amor, começou a série de crimes praticados pelo nosso condenado!

POIS não será mais assim. Virei as costas aos Condenados e o rosto à Criança da rua, para que o não venha a ser. Ora aqui tens. Se te calhar ir a Paço de Sousa quando as primeiras casas estiverem habitadas, não admires o que ali se vê, que outros têm feito melhor, mas sim a maravilha do humilde pensamento.

NÃO venho dizer das dificuldades tremendas que experimenta todo aquele que procura pôr um bocadinho de ordem num Mundo tão poderosamente desordenado, qual é o de hoje; não venho. Como pano de amostra, basta que te diga que os operários que trabalham nas obras, estiveram em risco de arrumar as ferramentas por falta de pão. Não podíamos mais! Mas já o temos; veio num vagão selado. O forno dos anti-gos frades tornou a ver o lume e nele se cozem dez alqueires por dia. Temos pão assegurado até às novas colheitas.

A gente não se poupa a fadigas; tu, nem por isso! Naqueles lugares aqui mencionados onde esperava encontrar declarações de amor, do teu amor à Criança sem destino, nada consta. Das camas aqui pedidas, tantas, há tantas semanas, veio agora a resposta da segunda. Eu continuo de braços estendidos, fervorosamente, até à semana que vem. Ou queres que eu publique? Se esperas que o faça, não dês.

O. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.ª vol. — Campanha de 1943 a 1944)

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

Reuni as minhas forças para lhe dizer: — Eu gosto muito de ti. Olhou-me como que à espera: vamos ver o que isto vai dar. Percebi que há um longo caminho a percorrer por mim e pelo Paulo até ele poder confiar. As feridas a cicatrizar são muitas, a desconfiança está instalada.

Estou certo de que enquanto o meu miúdo não perceber que é verdadeiramente amado, não se poderá abrir ao amor de Deus. Este é o desafio que me é colocado a mim face ao Paulo, mas é também o desafio colocado ao testemunho dos cristãos no meio do nosso mundo marcado por tantos sinais de falta de amor.

Padre Manuel Cristóvão

Uma carta

«Tenho pedido muito a Deus pelos nossos Padres e gaiatos que vivem em Angola. Demos hoje graças a Deus ao lermos n' O GAIATO que ainda não houve nada de grave na Casa do Gaiato de Malanje. No Jornal anterior o nosso Padre Telmo não escreveu e Deus sabe da nossa amargura pois, desde há anos em Dalatando e em vida do meu marido, nos conhecemos e tornámos amigos. Que Deus

vos guarde a todos e tenha compaixão do povo mártir que sem culpas tanto sofre.

Tenho 86 anos e a minha irmã 90. Já não lemos n' O GAIATO, que tanto bem nos faz, as letras pequeninas. O resto — devoramo-lo.

Assinante 26718»

N.R. — Este trecho, tão veemente de amizade, representa muitos outros — e telefonema

e recados... — de Amigos inquietos pelos nossos em Angola e nomeadamente por Padre Telmo e os seus rapazes.

Hoje mesmo Padre Telmo telefonou. Hoje, que os media dão notícias preocupantes da situação naquela cidade!

Foi bom, por ele e por nos permitir dizer a esta legião de Amigos, que a serenidade ainda reinava esta manhã em nossa Comunidade, apesar de todo o nervosismo que os cerca.

SETÚBAL

Dramas humanos

Os dramas humanos mais carregados vêm bater-nos à porta com matizes, aparentemente, os mais inverosímeis.

É o caso de dois meninos de doze e treze anos quase feitos que nos chegaram, não de uma aldeia distante e escondida no interior das Beiras ou dum arredio monte alentejano, mas da Capital, ali pertinho do lugar onde se reúne o Conselho de Ministros.

Os pequenos não viviam em barracas nem são atrasados mentais, nem sequer são ariscos ou rebeldes, nada disso. Tinham casa, mas não família. Tinham progenitor, mas não pai. Madrasta, mas não mãe. Naquele conjunto de pessoas onde só dormiam metade da noite e meio dia, a autoridade familiar eclipsara-se. Viviam ao sabor dos apetites.

Da escola foram expulsos e... ninguém buliu uma palha. Mal conhecem algumas letras e não conseguem escrever o nome. Trabalho?... Nunca o viram e já verifiquei que virão a gostar dele.

Nenhuma das instituições, das inúmeras que se multiplicam pelo País e abundam em Lisboa, se interessou pelo abandono destes rapazes. Nenhuma autoridade se mexeu, e são muitas as que se arrojam poder sobre menores desamparados. Somente amigos da Casa do Gaiato, sofrendores deste crime social, nos vieram alertar e pedir ajuda.

Naturalmente que somos em primeiro lugar para estes e... como-lo por amor gratuito como é o amor de Deus! Mas temos consciência clara das graves lacunas de que a protecção a menores enferma no nosso meio, dos castelos de cartas construídos com teorias importadas e manipuladas em solenes discursos ou pomposas conferências, incensando iniciativas e propostas inúteis sobre meninos de rua ou crianças maltratadas. Dói-nos a alma ao viver estas realida-

des mas damos graças a Deus por podermos ainda remediar algumas.

Muita razão teve o Padre Américo em nos guiar por caminhos do Evangelho no acolhimento aos farrapões da rua e em nos distanciar do Estado e daqueles que vivem à sua custa ou encostados a ele.

Cada vez mais me apetece ser pobre e viver com os pobres aprendendo com eles e com a sua vida a sabedoria de viver a pobreza e os seus desafios.

J.P., assim lhe chamam os rapazes e ele gosta de ser tratado, foi retirado da escola e colocado na oficina de carpintaria a aprender um ofício.

Foi a tremer que o matriculei após ter falado a sós com ele e me ter assegurado de que iria estudar e cumprir o seu dever. Tremia por verificar a sua debilidade. Prometi a matrícula para lhe dar oportunidade de me assegurar dos meus receios.

O primeiro período foi negativo. Muitas faltas injustificadas às aulas e as notas uma miséria. J.P. é inteligente e capaz.

Falei com ele. Voltou a prometer-me. Continuou.

Em meados de Janeiro vem um telefonema da Polícia. Tinham lá o J.P. que fora encontrado a roubar no *Pingo Doce*. Nem queria acreditar. O J.P. nunca foi ladrão!

Distribuidor sério e interessado do Jornal deu sempre contas que pareciam certas!... Eram dois frascos de perfume! O rapaz precisa de cheirar bem. Ele lá sabe porquê e nós também, cá em Casa.

Um tribunal com todos os rapazes do Lar!... A maioria inclinou-se para dar ao colega ainda outra oportunidade!... Tenho muito respeito pela opinião dos rapazes e voltei a condescender. Passados quinze dias sou chamado à escola e informado que *sua excelência* falta a duas ou três aulas por dia.

Não tenho hesitações. Naquela escola já se perderam muitos rapazes nossos. J.P. sai da escola e vai para a oficina. Vale-lhe mais um ofício do que o 9.º ano que nunca conseguiria.

E a lei que me obriga a mantê-lo na escola? — Para mim vale mais o rapaz do que a lei. Se por violar a lei e salvar o rapaz for castigado, de bom grado aceitarei a condenação.

Se a escola não vale ou não tem capacidade para toda a gente como obrigar a frequentá-la quem não quer?

Se a vida permitisse que os pais ou encarregados de educação passassem os dias no recinto escolar, lá estariam para exortar os pequenos a ir às aulas em vez de ficarem cá fora a jogar a bola, namorar, ou a planejar assaltos com os piores alunos. Mas não se pode. A escola não tem ninguém que o faça. Então que fazer? — Cruzamos os braços? — Não, nós não fazemos isso, custe o que custar.

Padre Acílio

Nota da quinzena

Continuação da página 1

zados (de fífias há quanto basta!) — sim, valeu a pena este trabalho. Se é apenas para conhecer a extensão e gravidade da doença e deixar tudo na mesma, mais valia ir gastando os recursos que há no tratamento de doentes que não faltam, conforme ao diagnóstico que cada um proporciona.

É que esta operação não deve ficar barata! Três dias de trabalho intenso de duas Funcionárias qualificadas (fora o nosso que foi de graça), motorista e carro para as deslocações, os acrescentos que estas importam sobre as despesas do trabalho em gabinete... — isto, multiplicado por quantas Instituições há neste País, também coalescerá para o juízo de Bruxelas sobre os excessos de despesismo em Portugal.

Deus queira que os frutos deste trabalho o justifiquem e o avalizem. As duas Senhoras não sabiam exactamente para o que ele é. Claro que eu também não.

Padre Carlos

PENSAMENTO

O Pai Celeste, *Vivens*, mandou o Seu Verbo ao mundo a *Vida*. E deseja que os Homens O comunguem por causa da *Vida* que Ele é.

PAI AMÉRICO



Do sacrifício dos autoconstrutores nascem casas prometedoras de aconchego como esta

PATRIMÓNIO DOS POBRES

«A nossa pobreza é a nossa riqueza»

DOS pedidos de ajuda para habitações que se estão a construir e que nos chegam por escrito, não resistimos a dar o sabor do sacrifício dos autoconstrutores aos nossos queridos leitores. Fomos visitar as futuras moradias, algumas habitadas provisoriamente.

Começámos pela que nos pareceu mais necessitada. Só tem o rés-do-chão meio pronto. Foi a mulher-mãe que, por suas mãos, fez as paredes a dividi-lo e lá se meteram todos. O primeiro andar só tem as paredes exteriores; e a cobertura do telhado só tem as vigas e as tejojeiras. Faltam o apoio e as telhas e o resto virá depois.

Naquele dia parte da família estava em casa. A mãe, doente, ainda internada na semana anterior, tem alma e coração de Mãe. Três dos filhos adolescentes impressionaram-nos por certas deficiências que manifestaram. O marido-pai só sabe ajudar nas obras; tem pouca iniciativa. Têm nove filhos.

Vamos saborear o pedido que nos chegou do pároco: «Os pobres sabem que só a *Obra do Padre Américo* ajuda os que precisam. Trata-se do casal Fernando e Maria Alice, meus paroquianos. Ele é pedreiro e ela doméstica. Têm nove filhos, sete ainda pequenos. Ela é doente e ainda na quinta-feira passada veio do Conde de Ferreira. Desculpe-me o

pedido mas a vida, de facto, é cada vez mais difícil para fazer casa de habitação.»

Perto, fomos ver outra. A casa está quase pronta, mas as obras tiveram que parar. Os donos, embora com esperança, estão tristes.

Eis a força do pedido do pároco que nos chegou: «Joaquim Manuel e Maria José são meus paroquianos. Têm dois filhos ambos na escola. Gente muito boa e simples. Estão à rasca, com a casa parada, por falta de dinheiro. Se possível, pedimos um auxílio.»

Um pouco mais longe encontramos outra. A habitação ficará airosa quando acabada. Só a vimos por fora. Não estava ninguém. A viúva trabalha numa ofi-

cina de cardação fora da terra e só chega a casa muito tarde. O filho é fraquito e a filha, no décimo ano, deixou de estudar de dia para trabalhar e ajudar a mãe a pagar a casa e estuda à noite.

O melhor é meditarmos a força revelada nas palavras do pároco: «São autoconstrutores que começaram a sua casa de habitação há anos. Está quase prontinha. A licença de construção terminou em 18 de Outubro. A dona é viúva e trabalha longe.»

A muitos quilómetros de distância fomos visitar mais uma. Levamos a carta-pedido do pároco da freguesia e dirigimo-nos à residência. Ao lado, na igreja, estava o filho mais velho na Catequese, filho do casal cuja habitação fomos visitar. O menino, muito delicado, foi connosco. Algum tempo na viagem tivemos de deixar a estrada e seguir por caminho. Entre pinheiros encontramos a casa nova, já com portas e janelas e o interior limpinho e dividido por cortinas de pano. Lá se acomodaram. Depois de pronta ficará bonita. Não tem casa de banho mas o proprietário, que encontramos a trabalhar na fábrica, pensa fazê-la logo que possa.

Deixámos a nossa ajuda nas mãos do pároco que pediu a nossa atenção na carta que vamos ruminar: «Venho pedir a vossa colaboração para a construção das paredes interiores da casa que começaram a construir. Têm três filhos e só o pai trabalha.»

Que estes pedidos de ajuda, que são reflexo de muitas lágrimas e aflições de irmãos nossos, encontrem lugar nas nossas consciências e nos ajudem a estar mais atentos aos outros, sobretudo aos mais pobres.

Padre Horácio